

Resposta de Costa
de 123/3/904

Almada, 10 de Abril de 1964.

Meu Caro Marques da Costa:

Em primeiro lugar as tuas melhoras e a alegria e conforto dos teus. Depois as minhas desculpas pela demora das minhas notícias e o meu sincero agradecimento pela tua estimada carta que considero preciosa dádiva não só pela estima e interesse que ela traduz, mas muito especialmente pelo que expressas de desejo empreender no sentido da defesa e expansão das NOSSAS COISAS. Por si só este facto é extremamente apreciável, não só por constituir nesta conjuntura excepção entre nós, mas muito especialmente por nos dar a medida do teu apêgo e entusiasmo na divulgação e defesa das nossas idéias, numa altura em que tudo parece ter fenecido. Simplesmente é para exaltar o teu propósito, embora compreendamos que terão que ser outros e noutra conjuntura o que na tua carta me propões. Sinto que as circunstâncias e a tua falta de saúde te não consintam materializar os teus velhos sonhos da Editorial, mas é forçoso reconhecer que a tua falta de saúde deverá constituir, hoje o motivo quase total das tuas apreensões. Sim, meu caro Marques, da última vez que estive em tua casa verifiquei que tinhas a saúde um pouco abalada e que o importante seria que te restabelecesses. No entanto breve irei ter contigo para pormenorizadamente me dizeres da viabilidade desse teu sonho de sempre! Por agora registre-se a tua intenção e o teu intento, tanto de mais de apreciar quando é certo que se vive uma época em que rareiam as convicções e quase se não fala na defesa dos princípios. Bem hajas e aceita a expressão do meu agradecimento como defensor das idéias e que os teus desejos parem ao menos como exemplo vivo do que é capaz de pensar e tentar fazer quem em tão alto ~~alto~~ apreço tem a expansão e defesa dos seus ideais!!...

Nota:—Esta carta, como se depreende do seu conteúdo, correspondeu a um pressentimento nosso acêrca do pouco tempo de vida que o nosso saudoso M. da C. dispunha e a sua própria carta dir-se-ia "o seu canto do cisne". pois também ~~xi~~ ele deve ter pressentido com meses de antecipação a morte! Como ele mesmo diz na sua carta, falámos muito e de muita coisa e fiquei profundamente impressionada com o seu entusiasmo e projectos imediatos de realizações... Enfim, a consciência do terme félo delirar na hipótese de um empreendimento que talvez em tempos anteriores e com saúde e possibilidades doutra ordem o não teriam pre-ocupado tanto...

O importante salientar aqui foi a conversa que tivemos e que originou em parte a sua carta e outras considerações, relacionadas na verdade por certo reparo que lhe fiz em face de nunca nos ter dado conhecimento ou mesmo convidado a colaborar em alguns dos seus empreendimentos... Claro que não passou de simples desabafo nosso, ainda que correspondesse a uma verdade a meu entender, dado que sempre vi no nosso M. da Costa senão subestimação não aquele interesse que a minha estima por ele, ao mesmo ^{tempo} ~~que~~ ~~interesse~~ entusiasmo em colaborar sempre



em tudo que soubesse e pudesse. Ele defendeu-se como o diz na carta, mas reser-vo a opinião ou o direito de me ter ressentido e a verdade dos factos mais que tudo deverão pesar para esclarecimento de certas situações ou lacunas nossas e de todos... Quero simplesmente dizer que Marques convidou muita gente a trabalhar consigo mas é estranho que nunca se tenha lembrado de mim e poucas vezes nos encontrámos... Não faltei nunca onde me chamaram e embora o tivesse sempre na conta de amigo e jamais entre nós tenha havido qualquer conflito, confesso que o nosso Marques, já desde Madrid, supponho que me viu de uma maneira que eu desejaria ser diferente. Este desabafo visa esclarecer uma situação e é a de que muitos de nós em Portugal nos deixamos arrastar por personalismos que levados à conta da luta e propagação das nossas idéias são prejuizo incontestável!

(11) Já uma vez o assinaleste e é certo, que a falta de entendimento entre todos nós tem reduzido grandemente a importância do nosso movimento. No caso de Marques também se desaguisou com alguns dos nossos e eu mesmo quando vim de Tarrafal e substituí num cargo ou tarefa de que ele se afastou, por não querer colaborar... Assisti a uma reunião onde ele se despedia e eu tomava o seu lugar. Confesso que não fiquei satisfeito, mas aceitei e o Marques que me disse ter sido ele que se lembrou de mim, sempre tive a impressão que o nosso trabalho não lhe mereceu entusiasmo ou ^aaprovação que nós desejávamos!..

De qualquer modo nunca o levei a mal e pressentia que embora ele fosse um camarada que sempre muito apreciei eu não lhe mereci essa deferência e isso não serei eu que explique essas razões... Como acima digo, já em Madrid me senti despeitado e isto porque entre alguns camaradas que ali nos juntámos eu tive sempre a impressão que não teria sido visto pelo Marques como o meu entusiasmo e convicção na defesa das idéias deveris ter merecido do nosso Marques! Já outrotanto não digo do saudoso e grande Reborêdo, a quem fiquei a dever a maior amizade e compreensão! A minha dívida Para com esse camarada é infinita e o seu modo e maneira de ser foram de uma grandeza inegalável!...

(11) Claro que esta diferença que estabeleço na maneira de ser destes dois camaradas em relação à minha pessoa está efectivamente relacionada a uma questão temperamental ou identificação com certa convergência de sentimentos. E a propósito quero contar-te um episódio que o atesta: - Em certa altura ^{da} nossa estadia em Madrid resolveu a FAPE (Federação Dos Anarquistas Exilados), publicar o seu boletim "Rebelião", mas meses antes a Polícia espanhola tinha expulso de Espanha Marques da Costa, Costódio, Furico P. Mateus e outros camaradas que permaneciam em Madrid, só eu e Reborêdo escapámos, ocasionando que me coubesse a tarefa de trabalhar, como sabia, no "Boletim". Por acaso saiu com umas vinte páginas e solicitámos colaboração de muitos ou de quase todos os camaradas com quem nos relacionávamos. Do Marques, do Miranda, do Pimenta, do J. A. das Neves e de outros recebemos colaboração. Eu e Reborêdo também escrevemos dois ou três artigos. Reunida toda a colaboração resolvemos eu e o Reborêdo enviar toda a colabo-

(11) Esta nota foi escrita e dirigida em modo imperativo a E. A., como Resistência das nossas ideias. E. A.



ração para que o Marques a revesse devidamente, pois era realmente muito competente e de longe superava as nossas possibilidades, facto que até aproveitei para que ^{se} debruçasse ~~mai~~ detalhadamente sobre os meus escritos, considerando a minha juventude e menos cultura, pois agradecia antecipadamente a sua ajuda na apreciação e correcção ^{que} ~~deve~~ havia escrito. O Marques respondeu-me de uma maneira que nada me entusiasmou e não fôra a insistência do Roboredo eu teria desistido de inserir no "Boletim" qualquer escrito meu. Assim, pela insistência do Roboredo publiquei dois artigos no "BOLETIM" e o curioso do facto foi que, tendo-se feito larga distribuição do mesmo, foram alguns números para o Brasil e a "Plebe", referindo-se ao mesmo em termos lisonjeiros acabava por inserir nas suas colunas um dos nossos artigos. Ainda o mais engraçado, para mim pelo menos, é que foi das mãos do próprio Marques que eu recebi a "Plebe" em referência e o ressaltado da distinção... Enfim, coisas da vida e concluí que o Marques, bom elemento e muito sabedor, mas péssimo psicólogo, pois ainda fui eu que à beira da sua sepultura e onde tantos amigos e admiradores apareceram, ~~fixam~~ quem exaltou a sua figura de obstinado idealista e lutador na defesa das idéias, que muito o distinguiram!... Talvez possa ainda contar-te mais um episódio e este já nos últimos dias ~~de~~ de vida do Marques: - Convidei o Jaime Rebelo, J. Eduardo e Quaresma a irnos visitar o nosso Marques; e ao chegarmos a companhia do Marques muito atrapalhada abriu-nos a porta e mandou que entrássemos para a sala, mas o Marques tinha o ouvido muito apurado e deu pela chegada de alguém e perguntou à mulher quem era e quando esta disse que éramos nós e insistiu que entrássemos no seu quarto, precisamente no momento em que no quarto do nosso Marques quase moribundo estava um primo seu, padre e uma monja, também de sua família. Lembrava-me perfeitamente deste primo e até de um episódio que o Marques me contava ter-se dado entre ele eo seu primo, numa cathedral ou seminário de Salamanca. Mal entrei apresentou-me a seu primo, dizendo ser o amigo que já lhe havia falado e a mim dizendo-me que era o primo padre de que também me haveria falado... o interessante do caso é que o padre se sentiu seriamente embaraçado com a minha presença e fiquei com ~~imp~~ impressão que no momento psicológico que cheguei estaria ele em teimosa tentativa proselitista a querer que o pobre moribundo se convertesse e que a nossa chegada foi realmente um momento preciso para ^{o Marques reagiu} o padre se ~~des~~desorientar e enrolar a "gaforina" e se retirar. Claro que se trata de uma conclusão a que cheguei e os nossos camaradas, mercê de uma série de circunstâncias que se registaram concluíram connosco a mesma coisa. A nossa presença foi para o nosso Marques uma alma nova, que lhe entrou no corpo e o entusiasmo e vivacidade com que dissertou sobre tanta coisa e especialmente no tocante às nossas idéias que nos impressionou de maneira inesquecível, pois foi o último dos seus discursos e poucas horas mais viveu!!!

Aqui fica a narração de um episódio que talvez tenha importância para a história do nosso movimento e deverei acrescentar ^{que} a nossa suposição, em referência ao padre é susceptível de verosimilhança, sendo verdade que Marques da

Costa teria declinado a uma das suas filhas que nenhuma resolução em relação à sua morte e mais aspectos com ele relacionados que nada fizessem sem me ouvir ^{afalar} como amigo a quem tudo confiaria... E isso foi rigorosamente cumprido e foi com elevado critério de respeito pela memória de seu pai que as filhas e os genros de M. da Costa coroaram os últimos momentos da sua presença na mais conseqüente observância dos princípios que lhe foram caros! Em nome das idéias às filhas de Marques da Costa e seus maridos os nossos agradecimentos! Acompanhei M. da Costa nos seus últimos dias de vida e verifiquei como toda a família o estremeciam e amparavam! Deu-se até um caso que não ^{resisto} ~~voto~~ à tentação de o referir:—sobre a urna onde repousariam para sempre os restos mortais de M. C., vinham os habituais ornamentos fúnebres e um dos seus genros, por sinal architecto de profissão, fez desaparecer tudo aquilo e a urna não conservou nada que simbolizasse qualquer princípio religioso...

Por determinação do Marques foi-me concedido o direito de escolher dos seus livros e papéis tudo que eu quisesse ou julgasse necessário, facto que muito me honrou.

Fiquei com muita coisa, especialmente livros que não tinha e de interesse ideológico; muitos recortes de jornais, um ou outro apontamento, mas escritos não encontrei, facto que me surpreendeu, pois sempre julguei que M. da Costa tivesse alguma coisa escrita. Claro que não sei se tinha ou não, dado que não indaguei da família se sim ou não, pensando fazê-lo em melhor oportunidade e entretanto os anos têm passado e em definitivo não sei se realmente ele deixou na verdade alguma coisa escrita. É de crer que sim mas isso deve ter ficado em poder das filhas e ainda não tive ensejo de me certificar... Naturalmente que na altura não me julguei com o direito de o fazer e como me fora concedido o direito de ser eu próprio a "tirar" o que quisesse não me senti com coragem para mais e com agravante de não poder nem pensar dar-lhe rumo conveniente. Agora que mais venho mechendo em papéis tem-me ocorrido estas coisas e penso em breve ver se alargo o meu saber a este respeito. O Marques nos últimos tempos de vida idealizou ou pensou em muita coisa e a mim mesmo mas revelou, como o atesta a última carta que me escreveu e para camaradas talvez a última que tenha escrito. O Alexandre Vieira, que sempre viveu na estima e apertado e franco convívio, neste particular deverá saber mais que eu. Se me sobrar tempo e fôlego tratarei deste assunto.

Ainda em volta das minhas relações com M. da Costa lembro que embora tivessem sido sempre de estima nunca foram ideologicamente produtivas e este facto deve-se mais, insisto, a uma questão temperamental que falta de entendimento ideológico ou outra incompatibilidade menos honrosa para M. da Costa ou affectante da admiração que por ele sempre nutri. É certo que nem sempre estive de acordo com M. da Costa no tocante a problemas de organização, mas em verdade quase não tive ocasião de lhe manifestar essa discordância e ele apenas a advinhava ou pressentia. Recordo-me até de um facto e talvez interesse citá-lo como referência para a história das nossas coisas, considerando que é

provável não haver outra que assinal o acontecimento.

Foi por volta de 49 ou 50, exercia eu actividades de certa responsabilidade no que então havia de Organização, fui convidado a participar numa reunião de militantes que M. da Costa teria sido seu promotor ou um dos seus principais promotores. Comparecemos em número de uns 18 militantes, pois nesse tempo ainda sobreviviam muitos em número, dos que me lembro parte já faleceram e poucos, mas mesmo poucos sobrevivem: - foram M. da Costa, Santos Arranha, C. Cruz, A. Luís, S. D/Almeida, L. Gonzaga, T. Negócio, C. Pires, ~~xxx~~ por agora não me recordo doutros nomes. Recordo-me sim que a reunião visava uma análise às nossas idéias e base da nossa actuação frente os inúmeros problemas mas mais exactamente relacionados com a C.G.T.. Foram até distribuidas tarefas de teses, tendo-me cabido a mim também, que não aceitei, por razões óbvias, como se poderá depreender, visto fazer parte de actividades em curso no domínio propriamente confederal.

A reunião foi aberta com uma explicação prévia dos seus propósitos feita por M. C., retirando-se em seguida e confiando a S. Arranha a orientação da reunião. Confesso que reagi imediatamente face a atitude do Marques se retirar e ainda hoje me pesa a impressão que me causou o facto... Entretanto a reunião continuou mas a nada de prático conduziu, como não podia deixar de ser. Verbeirei então de maneira pouco ilugiosa a atitude do Marques ^e expliquei que de modo algum estaria certa qualquer resolução tomada de harmonia com as teses em questão.

Em primeiro lugar por se referir a problemas relacionados com os princípios da C.G.T., organização estruturada por congressos sindicais e que só outros congressos do género e grandeza poderiam rectificar. O caso já o tínhamos debatido no Tarrafal e aí já havíamos definido a nossa posição que não devia ser outra ^{que} o respeito pelas antigas normas confederais, com firmeza na responsabilidade de militantes confederais. Lá como ali advogámos os mesmos argumentos e agora com mais razão dada a responsabilidade de organização que tínhamos... Dizíamos nós então, e a tantos anos continuo a pensar que estava certo, que em nome da C.G.T. só se poderia falar integrados nos seus princípios e estes os que lhe tinham sido ^{se} marcados nos seus congressos. Acresce que os elementos que actuavam no C. lho C. e C. C. quanto a mim estavam mais dentro dos princípios confederais que os que discordavam e a própria orientação dada a uma ou outra publicação clandestina que em nome da C.C.T. saia sempre me pareceu conseqüente e isso era tudo. Depois, tratava-se ^{de} modo muito arriscado e até se poderia dar o caso de termos de cair numa situação duplamente falsa: se por maioria os camaradas fizessem uma rectificação ligeira ou profunda aos princípios confederais não podíamos nem devíamos, em nome da mesma C.G.T., adotá-la e isso bastava para não dar a qualquer propósito nesse sentido legitimidade... Não há dúvida que ^{se} por maioria fosse tomada uma relação rectificativa em relação aos seus princípios fundamentais nenhum de nós aceitaria tal coisa, facto que nos inibia de beliscar no que não podíamos nem devíamos fazer. Sempre considereei este aspecto de importância para a defesa da C.G.T. e ainda hoje tenho razões para considerar que estávamos ~~no me-~~

lhor caminho e não mudámos de rumo ou de opinião... Aqui desencontrei-me um ~~pouco~~
 um pouco do nosso M. da Costa e de muitos outros que não vêm para o caso. Clare
 re que a falta de esclarecimento e de contactos ~~me~~ ^{maç} contribuía para o nosso
 afastamento e tudo isso contribuiu grandemente para a morte do nosso movimen-
 to.

Os pontos fracos de uma conduta nestes climas são mais fácil de predomina-
 rem e entre nós se não predomina o bon senso que há muito parece ter fugido
 de todos nós à falta de diálogo e liberdade se deve. Tivemos bons valores que
 ao longo dos anos se foram perdendo ~~em ambiente~~ ^{em falta} propício não foi possível a
 criação de elementos novos. Os dedos das duas mãos chegam para nos contar e os
 poucos que sobrevivemos em qualidade pouco valem e em sentido prático de or-
 ganização e entendimento nada ~~valiamos~~ fazemos... E a propósito devo dizer-
 -te que se fala hoje muito de anarquistas e até nos atribuem os serviços de
 sabotagem e terrorismo recentemente em Portugal registados. Nada mais inexato.
 Em primeiro lugar os anarquista não actuam assim e em segundo ~~porque~~ ^{xxx}
 não existem em número e organização para que o podessem fazer. O anarquismo é
 uma doutrina vilependiada e desconhecida e o despotismo, qualquer despotismo,
 justifica os crimes em que se escuda e que na pessoa de todos pratica em nome
 de um combate ao terrorismo que eles cultivam e praticam! Não compreendem muito
 bem porque sobretudo entre nós acusem os anarquistas de autores de actos ter-
 roristas, quando sabem muito bem não ser verdade e a mentira nunca serviu a nin-
 guém e neste caso todavia menos. É certo que nas lutas sociais a violência tem
 sido muitas vezes advogada por muitos anarquistas, mas jamais foi fundamental
 o seu uso e menos todavia proveitoso, sob qualquer aspecto. Por sentimentos o a-
 narquista é contrário à violência e por raciocínios e convicções só a pode jus-
 tificar no sentido da sua própria destruição. Nunca foi doutro modo e menos nos
 tempos que correm onde tudo se baralha e confunde. Sempre se compreendeu a luta
 social com suas regras e quando se vê o terror como arma de combate no senti-
 do da conservação ~~em~~ ^{em} tomada do Poder, ~~erro duplo seria~~ ^{crimes} que não nos distin-
 guí ~~dos~~ ^{dos} dos que do mando fazem alvo principal.

Na vida de clandestinidade a que nos obrigaram sempre a viver, houve tempos ~~em~~
 que na pessoa de um ^{ou} outro elemento mais perseguido ~~em~~ ^{em} o uso da violência, como
 expressão de defesa ou de ataque na pessoa dos seus principais perseguidores,
 se justificava e isto repete-se na história e por toda a parte... Há mesmo a
 considerar que no tempo e no espaço se observou ~~na pessoa de~~ ^{para} certos tiranos
 actos de terrorismo cujo resultado era humanamente benéfico e como desapareci-
 mento de certos tiranos a tirania refreava... Quando foi da guerra de Espanha,
 no auxílio do fascismo mundial a Franco, correspondia uma acção revolucionária
 dos antifascistas do mundo que anulasse esse auxílio e que a não observância
 dessa condição resultou ~~o~~ ^o triunfo do fascismo ~~em Espanha~~ ^{anarquista} e correspondeu a uma
 das maiores catástrofes da História! Sempre que a Polícia não olha a meios para
 reprimir a liberdade todo o acto de violência na pessoa dos responsáveis dessa
 violência se explica, o atentado ao Salazar e tudo que revolucionariamente se

NOTA

concebeu e materializou esteve certo e o sentido de defesa dessa luta impunha-se. Compreendi e vi com aprovação o que praticou o Galvão e quando novo e me podia mecher, sendo por sentimentos e inteligência o "anti-violência" agrupei, pelo menos em pensamento, com os mais activistas. Sentimos sempre repulsa pelos poderosos e a acção directa é arma eficiente para os combater.

Oh! ACÇÃO DIRECTA! Como és mal compreendida e como por definição e objectivos não te podem evocar os que lutam, matam, destroem na mira da conquista do PODER!... Acção directa é dar à luta um sentido de autêntica promoção do homem e da sociedade; é destruir nas suas causas o sentido da violência; é tudo ^{que} neutralize a acção e exercício da autoridade; é consciencializar o indivíduo e a sociedade de que o direito e o dever são termos de uma proporção social cuja ordem de primasia cada um de nós deverá estabelecer de modo idêntico ao que desejaria que os outros em relação a si estabeleçam, ao mesmo tempo que a sua valorização se integrará ineludivelmente num denominador comum que só a Anarquia pode garantir!

Sim, a acção directa só os anarquistas a advogam e praticam e na realidade está certo na medida em que só o anarquismo, como propósito e sistema, se propõe ~~xx~~ libertar o homem e a sociedade. Não compreendo nem comparo a luta de guerrilhas entre o guerrilheiro que tem a luta e a morte como alternativa e a que se estabelece como meio da tomada do poder, tal o caso dos Topameros e o terrorismo e guerrilhas no Terceiro Mundo, Medio Oriente ou onde o poder seja o móbil principal dessas guerrilhas. O verdadeiro revolucionário não é todo o que advoga a revolução mas sim o que entende que o recurso da revolução é uma determinação dos elementos em luta na sua marcha progressiva, como o contorne da montanha é um desvio forçado da torrente em relação ao rio! Da mesma maneira que a torrente se desvia da linha recta quando topa com obstáculos insuperáveis, o anarquista adopta a revolução ou a violência para destruir as forças impeditivas do progresso e a natural ~~marcha~~ ^{de} ~~xxxxxx~~ mundo... Que fariam os Topameros se destruíssem toda a acção repressiva do governo contra quem lutam? Reservariam por ventura às forças vencidas o direito à violência que desejam para si? Está nesta pergunta e sua resposta o sentido de contradição de toda a luta política de sempre e a lógica e positiva posição do anarquismo face o problema da luta social e sua humana resolubilidade!

Sem querer desviei-me do rumo que quis dar a esta nota e como me perdi, já não volto a trás e vou ficar por aqui embora prometa com tempo voltar ao tema, tanto o que motivou esta nota, como o que da mesma forma motivou esse desvio e me absorveu no parágrafo anterior.

Almada, Agosto de 1972.

Carlos Pires

